

Variação e mudança no uso dos relativizadores no inglês acadêmico: uma análise em tempo real de curta duração e sua aplicação ao ensino do inglês como língua adicional

Dante Lucchesi¹

Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, BA, Brasil

Fabrcia Eugênia Gomes de Andrade²

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta os resultados quantitativos de uma análise variacionista do uso dos relativizadores no inglês acadêmico, utilizando como amostra textos transcritos de palestras universitárias e artigos de revistas científicas. É feita também uma análise comparativa com um estudo da mesma natureza, que utiliza amostras das décadas de 1970 e 1980, para a observação de um potencial processo de mudança na forma como as orações relativas são introduzidas no inglês, no que se denomina estudo da mudança em tempo real de curta duração. Por fim, são feitas sugestões para a aplicação dos resultados aqui apresentados no ensino de inglês como língua adicional, contribuindo para que esse ensino se pautar por uma visão mais realista da língua.

Palavras-chave: Orações relativas; Mudança linguística; Inglês acadêmico; Ensino de língua adicional.

Title: Variation and change in the use of relativizers in academic English: a short-term real-time analysis and its application to the teaching of English as an additional language

Abstract: This article presents the quantitative results of a variationist analysis of the use of relativizers in academic English using texts transcribed from university lectures and articles from scientific journals as a sample. A comparative analysis with a study of the same nature, which uses samples from the 1970s and 1980s, is also made in order to observe a potential process of change in the way relative clauses are introduced in English, in what is called a change short-term real-time study. Finally, suggestions are made for the application of the results presented here in the teaching of English as an additional language, contributing to this teaching being guided by a more realistic view of the language.

Keywords: Relative clauses; Language change; Academic English; Additional language teaching.

¹ Professor Titular de Língua Portuguesa (aposentado) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor Visitante (Titular) do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, Nível 1B. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8058-2658>. E-mail: dante.lucchesi@gmail.com.

² Professora de Língua Inglesa do CEFET/RJ. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6462-4320>. E-mail: fabriciaeugenia2@gmail.com.

Introdução

No que concerne ao mecanismo sintático da relativização, as línguas da família indo-europeia se caracterizam por possuírem pronomes relativos morfologicamente marcados (Comrie; Kuteva, 2005). Tal é o caso da língua inglesa, na qual se podem formar orações relativas (doravante ORs), ligadas a um núcleo nominal que se refere a pessoas com o pronome relativo *who*, o qual exibe flexão de caso (com as formas *whom*, para a função de complemento, e *whose*, para o caso genitivo), e possui o traço semântico [+humano], em oposição a *which*, que é usado com ORs que se ligam a núcleos nominais que se referem a coisas e seres inanimados. Quando a posição de relativização é preposicionada, os pronomes relativos desencadeiam o mecanismo sintático do *pied-piping*, no qual uma preposição acompanha o pronome no início da oração relativa. Contudo, na linguagem informal e na gramática natural dos falantes nativos do inglês, tem sido recorrente o emprego do relativizador neutro *that* ou mesmo a formação de orações relativas sem um relativizador realizado foneticamente, podendo-se assumir que há, nesse caso, um *relativizador nulo*³. Nas ORs introduzidas pelo *that* ou pelo relativizador nulo, o *pied-piping* não é licenciado, de modo que as preposições que regem a posição de relativização permanecem *in situ*, na construção denominada *preposition stranding*, que normalmente não é licenciada nas línguas românicas (como o português), as quais também não admitem ORs sem relativizador. Embora seja frequente na linguagem corrente, as gramáticas pedagógicas do inglês recomendam que a *preposition stranding* seja evitada na linguagem formal (Eastwood, 2002 [1994]; Carter; McCarthy, 2006; Greenbaum; Leech; Svartvik, 1992 [1972]; Biber; Conrad; Leech, 2002).

Este artigo apresenta os resultados de uma análise variacionista do emprego dos relativizadores no inglês acadêmico, com base em uma amostra linguística que abrange artigos acadêmicos e palestras proferidas por professores universitários, produzidos por falantes nativos do inglês entre 2005 e 2010, para escrutinar a penetração das variantes informais (relativizador neutro e relativizador nulo) em uma variedade da língua fortemente condicionada pela padronização linguística. Ao problematizar o uso do relativizador neutro e do relativizador nulo na linguagem formal de indivíduos altamente escolarizados, este artigo pretende fornecer subsídios para o ensino de inglês com propósitos específicos (especialmente voltado para a escrita acadêmica), mais adequado aos usos reais da língua. A base empírica para a realização desse objetivo é fornecida por uma análise variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972], 1994, 2001) do uso dos relativizadores em inglês que identificou os seguintes condicionamentos estruturais: natureza da OR (restritiva ou apositiva); traço semântico [+/- humano] do núcleo nominal; posição sintática a que o núcleo nominal se liga na OR; e separação entre o núcleo nominal e a OR. No

³ Na terminologia aqui empregada, o termo *relativizador* assume um significado mais geral, referindo-se a qualquer partícula gramatical, realizada ou não foneticamente, que introduz uma oração relativa; já o termo *pronome relativo* tem um significado mais específico, referindo-se apenas aos relativizadores morfologicamente marcados, também denominados pronomes *wh*, o que exclui o *that*, o *relativizador neutro* ou *universal* (que corresponde ao *que* em português), e o relativizador nulo.

plano extralinguístico, observou-se o efeito da modalidade, opondo os usos nos textos orais e escritos.

Com essa problematização, objetivo e fundamentação teórica, este artigo se divide em cinco seções. Na primeira, é feita uma descrição dos relativizadores na língua inglesa, destacando-se as principais recomendações da tradição gramatical. A segunda seção retoma os resultados da análise variacionista de Guy e Bayley (1995) sobre o uso dos relativizadores no inglês, contrastando as modalidades oral e escrita da língua. Na terceira seção, são analisados os resultados quantitativos deste estudo da variação no uso dos relativizadores no inglês acadêmico, utilizando como amostra o texto transcrito de palestras e os artigos de revistas acadêmicas. Como o estudo que aqui se apresenta segue em linhas gerais a mesma abordagem de Guy e Bayley (1995), é feita, na quarta seção deste artigo, a comparação dos resultados das duas análises, buscando reunir evidências empíricas para a análise em tempo real de curta duração de um potencial processo de mudança quanto ao uso dos relativizadores no inglês. Na quinta seção, são feitas sugestões para a aplicação dos resultados aqui apresentados ao ensino de inglês como língua adicional. Dessa forma, busca-se, por um lado, identificar e compreender um potencial processo de mudança em progresso no inglês, bem como ampliar o conhecimento sobre como se opera uma mudança gramatical; e, por outro lado, pretende-se oferecer subsídios para uma flexibilização da normatização linguística, contribuindo especialmente para que os professores de inglês como língua adicional ampliem o leque de modelos de língua em suas práticas pedagógicas.

O uso dos relativizadores em inglês e as prescrições normativas

As orações relativas são orações encaixadas que se ligam a um núcleo nominal da oração matriz, denominado *antecedente*, especificando sua referência ou acrescentando uma informação quando esse núcleo nominal já possui uma referência definida. As ORs que especificam a referência do núcleo nominal são muito mais frequentes e são denominadas tradicionalmente ORs restritivas. As que acrescentam uma informação a um núcleo nominal de referência definida são denominadas *explicativas*, *apositivas* ou *não-restritivas*. Para o que está em foco aqui, as gramáticas pedagógicas do inglês recomendam que não se formem orações apositivas com o relativizador neutro *that* ou sem relativizador (i.e., com um relativizador nulo). Portanto, na linguagem formal, recomenda-se que só se empreguem os pronomes relativos (*which*, *who*, *whom*, *whose*) ou o que os gramáticos denominam *relative adverbs* (*where*, *when* e *why*) na formação de relativas apositivas (Eastwood, 2002 [1994], p. 357; Carter; McCarthy, 2006, p. 572).

O núcleo nominal se liga a uma posição sintática na OR, denominada *posição de relativização*, assumindo uma função que pode ou não coincidir com a função sintática que o núcleo nominal assume na oração matriz, como no exemplo (1), em que o antecedente *the book* é sujeito na oração matriz, mas sua posição de relativização é objeto direto (OD).

(1) The book **that** I read last week deals with this topic.⁴

A posição de relativização também afeta a escolha do relativizador. Em princípio, a posição de relativização de sujeito (SU) não licenciaria o uso do relativizador nulo⁵. Também segundo a tradição gramatical, a forma *who* deveria ser empregada nas ORs com posição de relativização de SU, enquanto *whom* deveria ser a forma prioritária do pronome que se liga a uma posição de relativização de complemento; porém, é generalizado o uso de *who* em ORs de complemento, tanto que as gramáticas pedagógicas apresentam exemplos de ORs de complemento introduzidas por *who* sem qualquer reparo, como é o caso do exemplo (2), retirado de Bieber, Leech e Conrad (2002 [1999], p. 284):

(2) He took an instant dislike to Leroy, **who** he attacked twice.

Já a forma *whose* é privativa da posição de relativização de genitivo, ligando-se tanto a núcleos nominais que se referem a pessoas quanto a coisas; nessas ORs de genitivo, o relativizadores neutro e nulo não são licenciados. Já quando a posição de relativização é regida por uma preposição, pode-se empregar, em inglês, tanto os pronomes relativos quanto os relativizadores neutro e nulo. No primeiro caso, a preposição acompanha o pronome relativo no início da OR, no que se denomina *pied-piping*, como exemplificado em (3). No segundo caso, a preposição permanece *in situ*, ou seja, na posição que lhe cabe na OR, no que se denomina *preposition stranding* ou *stranded preposition* na terminologia de Bieber, Leech e Conrad (2002 [1999]), como exemplificado em (4):

(3) He is the officer **with whom** we'd been talking.

(4) He is the officer we'd been talking **with**.

Bieber, Leech e Conrad (2002 [1999], p. 284) afirmam que, “embora gramáticos prescritivistas possam considerar a *stranded preposition* incorreta, muitos usuários acham que uma frase como o exemplo (3) soa exageradamente formal ou até mesmo incorreta (especialmente em conversas)”. Na mesma linha, Carter e McCarthy (2006, p. 168) afirmam que as *preposition stranding relatives* são amplamente empregadas, tanto na escrita quanto na fala, mas não são aprovadas pelas gramáticas prescritivas e são evitadas por muitos autores na escrita formal.

As recomendações das gramáticas pedagógicas certamente influenciam as escolhas dos falantes do inglês, sobretudo nas situações formais de uso da língua; contudo, o uso dos relativizadores neutro e nulo, formas condenadas pela tradição gramatical, parece estar penetrando em vários níveis da língua, inclusive em suas variedades mais formais, como se

⁴ Nos exemplos, o antecedente será sublinhado, a OR virá em itálico e o relativizador, em negrito.

⁵ Na análise variacionista que será apresentada aqui, foram encontradas ocorrências do ORs de SU sem relativizador, mas, ao que tudo indica, trata-se de um uso muito marginal.

pode observar a seguir, nas análises variacionistas sobre o emprego dos relativizadores no inglês.

A escolha dos pronomes relativos em inglês

Com esse título⁶, Guy e Bayley (1995) publicaram uma análise variacionista do uso de relativizadores no inglês, estruturando sua variável dependente com três valores: um pronome relativo (*wh pronoun*), o relativizador neutro *that* e o apagamento do relativizador. A base de dados para a análise quantitativa foi constituída por 943 orações relativas, que se distribuíam em duas modalidades distintas: oral e escrita. Os dados da modalidade oral foram extraídos da transcrição de conversas entre o então presidente Richard Nixon e sua equipe durante reuniões, à época da crise do Watergate. Essa transcrição é apresentada na publicação *The White House Transcriptions* e, embora represente um pequeno segmento populacional constituído por falantes do sexo masculino, brancos e altamente escolarizados, os dados foram obtidos, no geral, de maneira bastante espontânea e sem monitoramento por parte desses falantes, os quais estavam sendo gravados sem o seu conhecimento. Os dados da modalidade escrita foram extraídos de artigos acadêmicos sobre variação linguística escritos por diferentes autores. O cotejo com a escrita acadêmica teve por objetivo observar a variação estilística entre conversas informais e sem monitoramento e textos escritos que resultam de uma produção linguística bem refletida e ainda passam por revisões, as quais visam a adequar essa linguagem às normas gramaticais. Uma crítica que poderia ser feita sobre a constituição desse corpus diz respeito à utilização de textos escritos por linguistas, o que não é amplamente aceito nas pesquisas sociolinguísticas, pois, embora os intelectuais tenham em geral uma razoável consciência metalinguística, as formas linguísticas são objeto de trabalho dos linguistas, filólogos e gramáticos, de modo que esses estudiosos não são representantes típicos dos usuários da língua, mesmo de sua elite letrada. E, no caso de sociolinguistas, sua sensibilidade para o uso real da língua pode fazer com que esses estudiosos se permitam usar em sua escrita formas que não são chanceladas pelo cânone.

No que concerne aos resultados da análise quantitativa, os primeiros resultados da análise de Guy e Bayley (1995) confirmaram a intuição quanto ao uso categórico dos pronomes *wh* em orações relativas não-restritivas, pois todas as 116 relativas apositivas do *corpus* foram introduzidas por um pronome *wh*. Dessa forma, das 943 orações selecionadas, foram consideradas para a análise apenas as 827 orações relativas restritivas restantes. O processamento quantitativo dos dados foi feito por meio do programa MacVarb (Guy, 1989), que selecionou como estatisticamente significativos a modalidade oral e escrita e os seguintes condicionamentos estruturais: (i) traço semântico [+/- humano] do antecedente; (ii) posição de relativização; e (iii) adjacência entre o antecedente e o elemento relativizador.

⁶ Em inglês: *On the Choice of Relative Pronouns in English*.

No cômputo geral, os resultados de Guy e Bayley (1995, p. 150) indicaram a predominância do uso de *that* (44%), seguido pelos *wh pronouns* (35%), sendo o apagamento a variante menos frequente (21%)⁷.

Focalizando os fatores estruturais, os resultados indicaram que antecedentes com o traço [+humano] favoreceram fortemente o uso de pronomes *wh* e desfavoreceram o uso de *that*. O apagamento foi um pouco mais favorecido para antecedentes com o traço [+humano], conforme atestaram os pesos relativos fornecidos pelo MacVarb. O uso de pronomes *wh* teve um peso relativo (doravante P.R.) de .80 com antecedentes [+humano] vis-à-vis e .20, com antecedentes [-animado]. Contrariamente, o uso do relativizador neutro *that* teve peso relativo .77 para antecedente [-animado] e .23 para antecedente [+humano]. O apagamento foi ligeiramente favorecido pelo traço [+humano] do antecedente: P.R. .59 contra .42, no traço [-animado]. Portanto, constatou-se uma estreita correlação entre o traço [+humano] do antecedente e o emprego dos pronomes *wh*, de um lado, e entre o traço [-animado] e o uso do *that*, de outro.

O estudo de Guy e Bayley (1995) confirmou que a posição de relativização é um fator determinante na escolha do relativizador. O apagamento do relativizador, por exemplo, não ocorreu quando a posição de relativização era a de sujeito, de modo que uma oração como **I know the guy Ø delivered these products* seria agramatical em inglês, segundo esses autores⁸. Outra função sintática que impôs a escolha categórica de um relativizador específico é a de genitivo. Assim, de acordo com Guy e Bayley (1995), na oração relativa *The friend whose book I borrowed*, a substituição de pronome relativo *whose* por *that* ou pelo apagamento é agramatical. Dessa forma, o mesmo procedimento recomendado para as ORs de SU deveria ter sido adotado em relação às ORs de genitivo⁹.

Os resultados quantitativos relativos à posição de relativização obtidos por Guy e Bayley (1995) revelaram que a posição de sujeito favoreceu fortemente a escolha do relativizador *that*, com P.R. .89. O uso do pronome *wh* nessa função sintática teve um P.R. .33, e não houve ocorrências de apagamento. A posição de objeto direto favoreceu amplamente o uso de *that* e do apagamento (P.R. .71 e .77, respectivamente) e desfavoreceu fortemente o uso de pronomes *wh* (P.R. .08). Isso pode refletir, segundo os autores, uma tendência dos falantes em evitar o pronome relativo *whom*, considerado muito formal (Guy; Bayley, 1995). Já na posição de objeto preposicionado, essa restrição ao uso de pronomes *wh* diminuiu, com o aumento do P.R. dessa variante para .37, embora o uso tanto do *that* quanto do apagamento continuasse predominando nessa posição (P.R. .63 e .68, respectivamente). Já as 10 ocorrências de ORs de GEN foram naturalmente introduzidas pelo *whose*, indicando, nesse

⁷ Outro problema da análise de Guy e Bayley (1995) é que, como se verá logo a seguir, não foram encontradas, em sua amostra, ORs de SU sem relativizador, por isso essas ocorrências de ORs de SU deveriam ter sido igualmente retiradas da base de dados para essa mensuração do percentual de uso de cada tipo de relativizador. Esse problema identificado pelos revisores *ad hoc*, a quem agradecemos essa valiosa observação, será retomado ao longo deste artigo, com os eventuais equívocos e omissões remanescentes sendo de inteira responsabilidade dos seus autores.

⁸ Ver nota anterior.

⁹ Ver nota 5.

caso, uma regra categórica, embora o número de ocorrências tenha sido bem reduzido. Na posição de locativo, revelou-se uma grande funcionalidade do *where*, empregado em 87% das ORs dessa posição de relativização – P.R. .91 contra .21 de *that* e .09 de \emptyset . Já o *when* não apresentou o mesmo rendimento funcional (P.R. .67) e dividiu as preferências de uso na posição de adjunto temporal com o apagamento (P.R. .69), enquanto o *that* só ocorreu em cerca de um quinto das ORs com essa posição de relativização (P.R. .22). O apagamento também predominou largamente nas ORs de adjunto de modo, sendo usado em 92% desse tipo de OR, o que se refletiu no altíssimo P.R. .99.

Sintetizando os resultados da variável posição de relativização, o relativizador neutro *that* foi muito favorecido nas ORs de sujeito, não ocorrendo o apagamento do relativizador com essa posição; a posição de objeto, preposicionado ou não, favoreceu o *that* e o apagamento; a posição de locativo revelou o elevado rendimento funcional do *where*; já com os adjuntos temporais, o *when* dividiu a preferência de uso como o apagamento, e este predominou largamente nas ORs de adjunto adverbial de modo; por fim, nas ORs de genitivo o uso do *whose* foi categórico.

Os resultados da variável adjacência da OR ao núcleo nominal indicaram que o apagamento é favorecido quando não há qualquer separação entre a OR e o núcleo nominal (P.R. .76) ou quando há outra oração relativa entre o núcleo e a OR (P.R. .62). Em contrapartida, o apagamento é fortemente desfavorecido com a presença de algum sintagma entre o núcleo e a OR (P.R. .16). Já a escolha entre um pronome *wh* ou *that* não apresenta diferenças significativas quando considerado o fator adjacência. A adjacência ao antecedente favorece um pouco mais o uso de *that*, em comparação ao uso de pronomes *wh*, com P.R. de .48 e .42, respectivamente. Quando observamos que o antecedente está separado por uma outra OR, ocorre um favorecimento do uso de pronomes *wh* na OR (P.R. .59), em relação ao uso de *that*, que apresenta P.R. .44. A separação do antecedente por um outro sintagma, de maneira oposta, favorece o uso de *that* (P.R. .58), em detrimento do uso de pronome *wh* (P.R. .49).

A análise do encaixamento estrutural da escolha do relativizador de Guy e Bayley (1995) revelou que os pronomes *wh* são favorecidos quando o antecedente tem o traço [+humano] e quando a OR é extraída das posições de adjunto locativo ou temporal. Já o relativizador neutro *that* é favorecido pelo traço [-animado] do antecedente nas ORs extraídas das posições de sujeito e objeto, preposicionado ou não. Por fim, o apagamento é favorecido nas posições de objeto e de adjunto de modo e de tempo, bem como quando o relativizador está adjunto ao antecedente.

Os resultados da modalidade de comunicação (oral ou escrita) encontrados por Guy e Bayley (1995) confirmaram o que disseram Kroch e Small (1978) na teoria da ideologia gramatical (ing. *grammatical ideology*). Segundo esses autores, o aumento do grau de monitoramento da produção linguística (o que acontece na escrita acadêmica) promove uma alta incidência de uso de pronomes *wh*, os quais são considerados mais formais e, em alguns casos, mais “corretos” pela tradição gramatical. Além disso, a maior clareza que a modalidade escrita demanda desfavorece, de acordo com Olson (1977), o apagamento do elemento relativizador. Dessa forma, os resultados encontrados por Guy e Bayley (1995) indicam que os

pronomes *wh* são mais utilizados na escrita e menos utilizados na fala, exatamente o oposto do que ocorre quanto ao uso do *that* ou do apagamento. Os P.R.s confirmam isso, com .76 para o uso dos pronomes *wh* na escrita, em face dos P.R.s de .68 e .63, respectivamente, para o uso do *that* e do apagamento na fala.

Apesar da contundência dos resultados quantitativos, Guy e Bayley (1995) advertiram que a diferença encontrada pode ter sido mais relacionada às características formais e estruturais entre os gêneros textuais contemplados na análise do que à modalidade oral ou escrita, porque foram analisadas conversas informais e não monitoradas, de um lado, e textos acadêmicos refletidos e revistos, de outro. Esse possível enviesamento não ocorrerá nos resultados da análise que apresentaremos na próxima seção, que se baseia em textos orais e escritos com níveis similares de formalidade (palestras e artigos acadêmicos).

A variação no uso de relativizadores no inglês acadêmico

Assim como na análise de Guy e Bayley (1995), esta análise da variação dos relativizadores no inglês acadêmico também se baseou na modelagem canônica do paradigma variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972], 1994, 2001). A base de dados foi composta por 2.372 orações relativas, extraídas de quinze palestras ministradas, em sua maioria, por professores universitários e, algumas, por pessoas da equipe administrativa dos cursos de graduação da Universidade de Reading (Reino Unido) entre 2005 e 2010, além de quinze artigos acadêmicos e de divulgação científica publicados em jornais, revistas e periódicos de livre acesso; portanto, o critério adotado na composição da amostra foi a seleção aleatória de textos formais, tanto na fala quanto na escrita. A variável dependente desta análise também foi composta por três variantes: relativizador *wh* (*which, who/whom/whose, where, when, why, what*); relativizador neutro (*that*); e relativizador nulo (ORs relativas formadas sem relativizador realizado foneticamente). O processamento dos dados foi feito com o programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005); assim como o MacVarb, o GoldVarb X é uma versão do VARBRUL, programa tradicionalmente usado na Sociolinguística quantitativa (Guy; Zilles, 2007). Os resultados gerais dessa variável são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência de uso dos relativizadores no inglês acadêmico

Relativizador	Nº de Oc./Total	Frequência
Relativizador <i>wh</i>	1.340/2.373	56,5%
Relativizador neutro <i>that</i>	829/2.373	34,9%
Relativizador nulo	204/2.373 ¹⁰	8,6%

Fonte: Elaborado pelos autores.

¹⁰ Foi criada uma ocorrência de relativizador nulo em uma oração relativa explicativa para evitar o nocaute no grupo de fatores tipo de OR (restritiva *versus* explicativa); por isso, há uma ocorrência a mais no total.

No cômputo geral da variável dependente, os pronomes *wh* corresponderam a mais da metade dos relativizadores encontrados na amostra (56,5%). Esse predomínio era esperado por se tratar de amostra de textos formais, tanto escritos quanto falados, nos quais o efeito das prescrições gramaticais, que recomendam o uso dos pronomes *wh* na comunicação formal, deveria se fazer sentir. Contudo, o relativizador neutro foi empregado em pouco mais de um terço das ORs do total de ocorrências (34,9%), o que faz do seu emprego uma estratégia relevante mesmo nos níveis mais formais da língua, a despeito das recomendações dos gramáticos. Por fim, menos de um décimo das ORs da amostra foi formado sem um relativizador aparente, o que revela que essa variante tem pouca representatividade nos níveis mais formais da língua inglesa. Contribuem certamente para isso as severas restrições ao emprego dessa estratégia nas ORs de SU, que predominam amplamente, não apenas no inglês, mas nas línguas humanas em geral (Keenan; Comrie, 1977).

Nesta análise, além dos resultados das variáveis estruturais consideradas por Guy e Bayley (1995), serão analisados também os resultados da natureza da oração relativa (restritiva versus não restritiva), já que, em nossa base de dados, o uso dos pronomes *wh* junto às OR desse tipo não foi categórico. Os resultados dessa variável são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – O uso dos relativizadores no inglês acadêmico em função da natureza da OR

Oração relativa	Tipo de relativizador								
	Relativizador <i>wh</i>			Relativizador neutro <i>that</i>			Relativizador nulo		
	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.
Restritiva	920/1909	48,2%	.396	786/1909	41,2%	.593	203/1909	10,6%	.640
Apositiva	420/464	90,5%	.851	43/464	9,3%	.175	01/464	0,2%	.086
TOTAL	1340/2373	56,5%		829/2373	34,9%		204/2373	8,6%	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Embora o emprego dos pronomes *wh* predomine largamente junto às relativas apositivas, com mais de 90% do total de ocorrências (P.R. .851), é notável que apareçam ORs introduzidas pelo relativizador neutro *that*, não ocorrendo, entretanto, relativas apositivas sem relativizador (foi criada uma ocorrência espúria para que o GoldVarb pudesse fazer a rodada dos pesos relativos). As gramáticas pedagógicas do inglês recomendam explicitamente o uso dos pronomes *wh* com as relativas apositivas, advertindo os falantes de que estes devem evitar o uso do *that* e do relativizador nulo com essas ORs. Portanto, a ocorrência de 43 relativas apositivas introduzidas pelo relativizador neutro *that*, o que corresponde a quase 10% do total de 464 ocorrências desse tipo de OR (P.R. .175), pode ser tomada como um índice de mudança em curso na língua, já que Guy e Bayley (1995) não encontraram relativas apositivas que não fossem introduzidas por um pronome *wh*. Essa questão será retomada na próxima seção.

Os resultados quantitativos da variável traço semântico [+/-humano] do antecedente revelaram que o uso do pronome *wh* é altamente favorecido quando a OR se liga a um núcleo nominal que se refere a seres humanos, como se pode ver na Tabela 3.

Tabela 3 – O uso dos relativizadores no inglês acadêmico em função do traço semântico [+/-humano] do núcleo nominal

Traço semântico	Tipo de relativizador								
	Relativizador <i>wh</i>			Relativizador neutro			Relativizador nulo		
	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.
[+humano]	359/404	88,9%	.903	35/404	8,7%	.095	10/404	2,5%	.221
[-humano]	981/1968	49,5%	.387	794/1968	40,3%	.614	193/1968	9,9%	.564
TOTAL	1340/2372	56,5%		829/2372	34,9%		203/2373	8,6%	

Fonte: Elaborado pelos autores.

A frequência de uso do pronome *who/whom* sobe de 56,5% para 88,9% quando o antecedente exibe o traço semântico [+humano], com o elevado peso relativo de .903, o que demonstra uma larga preferência por esse pronome entre os falantes altamente escolarizados em seus atos de comunicação formal. Naturalmente, esse fator desfavorece fortemente o uso do relativizador neutro e do relativizador nulo. A frequência do primeiro cai de 34,9% para 8,7% nesse contexto (P.R. .095), e a do segundo, de 8,6% para 2,5% (P.R. .225). A frequência desses dois relativizadores é quatro vezes maior quando o núcleo nominal não se refere a seres humanos, mas os pesos relativos indicam que o *that* é mais afetado pelo traço [+/-humano] do antecedente, sendo mais desfavorecido que o relativizador nulo com núcleos nominais humanos e mais favorecido com núcleos nominais não humanos.

Na formatação da variável posição de relativização, foram definidos os seguintes valores: *sujeito; objeto direto; adjunto adverbial locativo; adjunto adverbial temporal; adjunto adverbial de modo; outros tipos de adjunto adverbial. Os complementos nominais e verbais preposicionados* foram amalgamados em um único fator para evitar o *knock-out* nas rodadas dos pesos relativos. Os resultados dessa variável assim estruturada são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 – O uso dos relativizadores no inglês acadêmico em função da posição de relativização

Posição de Relativização	Tipo de relativizador								
	Relativizador <i>wh</i>			Relativizador neutro			Relativizador nulo		
	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.
Sujeito	857/1402	61,1%	.510	541/1402	38,6%	.599	04/1402	0,3%	.171
Objeto Direto	62/355	17,5%	.166	168/355	52,4%	.640	107/355	30,1%	.953
Adv. de tempo	42/56	75%	.678	08/56	14,3%	.265	06/56	10,7%	.903
Adv. de lugar	260/282	92,2%	.900	14/282	5,0%	.098	08/282	2,8%	.703
Adv. de modo	31/83	37,3%	.373	20/83	24,1%	.337	32/83	38,6%	.970
Outros Adverbiais	34/50	68,0%	.666	09/50	18,0%	.277	07/50	14,0%	.898
Complemento preposicionado	31/120	25,8%	.247	51/120	42,5%	.542	38/120	31,7%	.960
TOTAL	1317/2348¹¹	56,1%		829/2348	35,3%		202/2348	8,6%	

Fonte: Elaborado pelos autores.

¹¹ Foram excluídas nessa rodada as 23 ORs de genitivo devido ao uso categórico de uma *wh-word* em sua formação e a única ocorrência na posição sintática de predicativo, que não seria estatisticamente relevante.

Os pronomes *wh* são muito favorecidos nas posições de adjuntos adverbiais, visto que a informação adverbial é preferencialmente expressa por *wh-words*, especialmente o locativo *where*, uma palavra gramatical de alto rendimento funcional em muitas línguas indo-europeias, como o alemão e o português, usada, inclusive, em ORs que se ligam a núcleos nominais que não se referem a lugares, contrariando, assim as recomendações das gramáticas pedagógicas. Esse alto rendimento funcional do *where* pode explicar por que a posição de relativização de adjunto adverbial de lugar é o fator que mais favoreceu o uso do pronome *wh*, com o aumento de frequência de 56,1% para 92,2% e peso relativo de .900. A posição de adjunto adverbial de tempo também favoreceu muito o emprego de uma *wh-word*, o *when*, com frequência subindo para 75% nesse contexto (P.R. .678). Esse favorecimento também foi observado nas ORs extraídas da posição de outros adjuntos adverbiais, com a frequência de emprego do relativizador *wh*, especialmente *why*, subindo para 68% (P.R. .666). Porém, a posição de adjunto adverbial de modo, em virtude do uso de expressões do tipo “*the way that/∅ something happens*”, desfavoreceu o uso de relativizadores *wh*, com a frequência caindo para 37,3% e P.R. de .373. No entanto, as posições de relativização que mais desfavoreceram o emprego de pronomes *wh* foram as posições de objeto direto e complementos nominal e verbal preposicionados, com a frequência caindo, respectivamente, para 17,5% e 25,85%, e pesos relativos de .166 e .247. Por fim, na posição sintática de sujeito, a frequência de uso dos relativizadores *wh* se mostrou elevada (61,1%), embora o peso relativo se apresente próximo à neutralidade (P.R. .510).

A posição de objeto direto foi a que mais favoreceu o uso do relativizador neutro *that*, com a frequência subindo de 35,3% para 52,4% e P.R. de .640. O uso desse relativizador também é favorecido nas ORs extraídas da posição de sujeito e complemento nominal e verbal preposicionado, com a frequência subindo, respectivamente, para 38,6% e 42,5% (P.R. .599 e .542). Naturalmente, o uso do *that* foi desfavorecido em todas as ORs extraídas das posições de adjunto adverbial, especialmente com a posição de adjunto adverbial de lugar, com a frequência caindo para 5%, e P.R. de .098.

A posição de objeto direto também favoreceu bastante o relativizador nulo, com a sua frequência subindo de 8,6% para 30,1% e P.R. de .953. O favorecimento do relativizador nulo também foi observado nas ORs extraídas das posições de complemento preposicionado, com a frequência se elevando a 31,7% e peso relativo de .960. É também interessante observar que as posições sintáticas de adjunto adverbial de modo e outros adverbiais (com um grande número de adjuntos adverbiais de causa) favoreceram o uso do relativizador nulo, já que são utilizadas, nesses casos, expressões do tipo “*the way ∅ something happens*” e “*the reason ∅ something happens*”. Nessas duas posições sintáticas, a frequência do relativizador nulo subiu de 8,6% para 38,6% (P.R. de .970) e 14% (P.R. de .898), respectivamente.

No que concerne à variável posição de relativização, o achado mais notável desta análise foi encontrar ORs de sujeito sem relativizador realizado foneticamente. Existe uma crença generalizada de que essas construções seriam agramaticais em inglês; porém, foram encontradas quatro ocorrências desse tipo. Apesar de ser um número muito reduzido, em face às 1.402 ocorrências de ORs de SU, o que corresponde a menos de 1% do total (0,3%, P.R.

.171), não deixa de ser surpreendente encontrar esse tipo de construção em uma variedade de língua tão formal e monitorada, mesmo que as quatro ocorrências tenham sido encontradas nos textos orais das palestras.

A chave para a compreensão do licenciamento de ORs de SU sem relativizador está em identificar as condições estruturais que possibilitam esse tipo de construção. Em princípio, as ORs de SU sem relativizador colocam um obstáculo para a decodificação da frase, que é sempre linear, de modo que o receptor tende a analisar o verbo que se segue ao sujeito como verbo da oração matriz, não da OR, e, quando se depara, na sequência de palavras, com outro verbo, tende a ocorrer o que os gerativistas denominam *crash* no processo de derivação (Chomsky, 1995), porque o mesmo SN não pode ser sujeito de dois verbos, recebendo duplamente a marca de caso nominativo, e um SN deve receber um – e apenas um – caso em cada oração (Chomsky, 1981, 1986). Mas isso só ocorre nas frases em que a OR se liga a um SN na posição de sujeito na oração principal, como no exemplo (5).

(5) * The guy delivered the pizza was very friendly.

Porém, se o antecedente estiver na posição de objeto direto do verbo da oração matriz, como no exemplo (6), o ouvinte já pode interpretar a predicação que se segue ao SN *some universities* como uma OR. Outra possibilidade estrutural é quando o antecedente se liga à posição de SU de uma oração encaixada na OR, como nos exemplos (7) e (8). Nesse caso, também não se coloca um problema para a decodificação da frase. Na quarta ocorrência encontrada na amostra, apresentada em (9), a posição de relativização é a de argumento da construção existencial *there is*. Nesse caso, como o argumento se segue ao verbo, não há, igualmente, qualquer problema de decodificação. Portanto, nas quatro ocorrências de OR de SU sem relativizador encontradas na amostra aqui analisada, não se colocou o problema de decodificação da frase, de modo que seriam todas construções, em princípio, licenciadas pela gramática da língua. De qualquer forma, é significativo que essa construção, explicitamente rejeitada no inglês padrão, ocorra na fala formal de pessoas altamente escolarizadas.

(6) Now, before 1992, we had some universities \emptyset were called *polytechnics*, today they are called universities.

(7) Ok, I quickly want to mention something \emptyset I think is great in England and Wales, Further and Adult education.

(8) So, it will be an interesting discussion for you to have about what kinds of policies \emptyset you think could be applied to encourage families if you think families are good thing.

(9) This is a photograph \emptyset I took in Cameroon a few years ago, showing, giving you an idea of the huge diversity \emptyset there is in the different shapes, sizes and even colours of the banana fruit.

Sumariamente, os resultados da variável posição de relativização revelaram que o relativizador *wh*, o mais usado na linguagem acadêmica, é favorecido nas ORs extraídas da maioria das posições de adjuntos adverbiais, particularmente de adjunto adverbial de lugar e de tempo, sendo muito desfavorecido nas posições de objeto direto, de complemento nominal e de complemento verbal preposicionado. O relativizador neutro *that* é o mais empregado nas ORs de objeto direto, sendo também favorecido nas ORs extraídas das posições de SU, complemento nominal e complemento verbal preposicionado. O relativizador nulo é pouco empregado na linguagem acadêmica, e as ORs de SU sem relativizador são muito raras. Por outro lado, a ausência de relativizador é favorecida particularmente nas ORs de adjunto adverbial de modo, de objeto direto, de complemento nominal e de complemento verbal preposicionado.

A presença de um constituinte entre o antecedente e a OR tende a dificultar a ligação entre esse antecedente e a posição de relativização no interior da OR, o que favorece a utilização de um relativizador morfológicamente mais rico, como é o caso dos relativizadores *wh*. Mantendo a taxonomia de Guy e Bayley (1995), estruturamos essa variável com três valores, distinguindo quando a OR é separada do núcleo nominal por um sintagma e quando é separada por outra OR, como exemplificado em (10) e (11), respectivamente:

- (10) We in Britain only actually are aware of one variety, one banana, one particular type, as I say, **which** we know as Cavendish.
- (11) This really sums up what evacuation is about. I now do a lot of work with people who are in their 60's and 70's **who** were evacuees.

Os resultados quantitativos desta análise confirmaram a hipótese de que a separação entre o núcleo nominal e a OR favorece o emprego de um relativizador morfológicamente mais marcado, como se vê nos resultados apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – O uso dos relativizadores no inglês acadêmico em função da adjacência da OR ao núcleo nominal

Separação entre o núcleo e a OR	Tipo de relativizador								
	Relativizador <i>wh</i>			Relativizador neutro			Relativizador nulo		
	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.
Sem separação	1149/2125	54,0%	.479	774/2125	36,4%	.515	202/2125	9,5%	.538
Separado por um sintagma	103/132	78,0%	.636	28/132	21,2%	.383	01/132	0,8%	.216
Separado por outra OR	88/115	76,5%	.708	27/115	23,5%	.356	01/116	0,9%	.211
TOTAL	1340/2372	56,5%		829/2372	34,9%		203/2373	8,6%	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os números indicam que a presença de um constituinte entre o núcleo nominal e a OR eleva o uso de pronomes *wh*, e esse favorecimento é maior quando esse constituinte é outra OR, como revela o P.R. .708 vis-à-vis o P.R. .636, quando o constituinte é apenas um

sintagma. Consequentemente, o relativizador neutro e o relativizador nulo, especialmente o último, são muito desfavorecidos quando há qualquer separação entre o núcleo nominal e a OR, sendo esse desfavorecimento um pouco maior quando a separação é feita por outra OR. No caso do *that*, o P.R. é .356 nesse contexto e um pouco maior (.383) quando a OR é separada do núcleo nominal por um sintagma. No entanto, o relativizador que é mais afetado pela separação entre a OR e o núcleo nominal é o relativizador nulo. Das 115 ocorrências de OR separadas do núcleo nominal, apenas uma não é introduzida por relativizador, pois a ocorrência de OR sem relativizador separada do núcleo nominal por outra OR foi criada artificialmente para possibilitar a rodada dos pesos relativos. Portanto, na única ocorrência real de OR, apresentada em (12), o núcleo nominal *some places* é separado da OR “*I would not have wanted to have lived*” pelo sintagma preposicional “*along the line*”.

- (12) Now all these children were being given all these drinks and there were no toilets, so what did they do? They either peed out of the window, and there were some places **along the line** \emptyset *I would not have wanted to have lived*, because most of them peed out of the window around the Didcot area, or they wet themselves, and that’s important.

Deve-se observar que se trata, inclusive, de uma frase um pouco obscura. Diante disso, o que se observou aqui é que a possibilidade de uma OR separada do seu antecedente não ser introduzida por um relativizador é muito remota na linguagem formal, falada ou escrita.

Por fim, os resultados quantitativos da variável modalidade de uso da língua revelaram que a preferência pelos pronomes *wh* é maior nos textos escritos, como se pode ver na Tabela 6, já que, ao escrever, o falante fica mais atento às prescrições gramaticais.

Tabela 6 – O uso dos relativizadores no inglês acadêmico em função da modalidade de uso da língua

Tipo de texto	Tipo de relativizador								
	Relativizador <i>wh</i>			Relativizador neutro			Relativizador nulo		
	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.
Oral	750/1546	48,5%	.439	622/1546	40,2%	.547	174/1546	11,3%	.560
Escrito	590/826	71,4%	.612	207/826	25,1%	.413	29/826	3,5%	.390
TOTAL	1340/2372	56,5%		829/2372	34,9%		203/2372	8,6%	

Fonte: Elaborado pelos autores.

A frequência de uso dos pronomes *wh* se elevou de 56,5% para 71,4% nos textos escritos, o que se refletiu no P.R. .612, enquanto a frequência de uso do *that* caiu de 34,9% para 21,1% (P.R. .413), e o relativizador nulo foi ainda mais desfavorecido com sua frequência de uso se reduzindo a menos da metade nos textos escritos, o que foi confirmado pelo valor do P.R. .390. Em contrapartida, a oralidade favoreceu um pouco mais o relativizador nulo do que o *that* – P.R. .560 vis-à-vis .547. Esse resultado, além de ser similar ao encontrado por Guy e Bayley (1995), sustenta também a teoria da ideologia gramatical (Kroch; Small, 1978), a qual prediz que o aumento do grau de monitoramento da produção linguística (o que acontece na

escrita acadêmica) promove uma alta incidência de uso de relativizadores *wh*, os quais são considerados mais formais e, em alguns casos, “mais corretos” pela tradição gramatical. Por outro lado, a modalidade oral, ainda que em um registro de fala muito formal, favoreceu o uso dos relativizadores menos marcados morfologicamente e mais “naturais” para o falante. O favorecimento desses relativizadores mais acessíveis na gramática natural dos falantes não foi mais expressivo exatamente por conta do alto grau de formalidade do discurso oral observado aqui.

Processo de variação e mudança no uso dos relativizadores no inglês: uma abordagem em tempo real de curta duração

A retomada do estudo de Guy e Bayley (1995) nesta análise foi motivada pela possibilidade de realizar um estudo em tempo real de curta duração de um eventual processo de mudança no uso dos relativizadores no inglês, verificando a hipótese de uma penetração de formas mais típicas da fala espontânea em situações mais formais de comunicação verbal. Isso seria possibilitado pelo cotejo de duas análises empíricas que utilizaram basicamente a mesma metodologia com amostras de fala que estão separadas por um lapso de tempo de até 35 anos. Para além de identificar o progresso de um eventual processo de mudança, essa análise comparativa também testou a *Hipótese da Proporção Constante* (ing. *Constant Rate Hypothesis*) de Anthony Kroch (1989), segundo a qual a proporção de distribuição das variantes pelos diversos contextos gramaticais em que elas coocorrem tende a ser constante em um processo de mudança. Dito de outra forma, na leitura que fazemos aqui, pode-se afirmar que os efeitos estruturais sobre um processo de variação e mudança tende a ser constante ao longo do tempo, ou seja, a configuração das variantes na estrutura tende a mudar em um processo de mudança e a não se alterar em um processo de variação estável, mas as correlações estruturais que afetam essas variantes tendem a se manter constantes. Porém, para verificar tanto a hipótese da mudança em curso quanto a hipótese da proporção constante, seria preciso superar alguns problemas decorrentes de certas diferenças nas duas abordagens, especialmente no que concerne à composição das amostras linguísticas, o que se mostrou um obstáculo nem sempre contornável. E essa dificuldade foi especialmente maior exatamente na observação de um eventual processo de mudança.

O confronto das frequências gerais de uso dos relativizadores entre as duas sincronias é o ponto de partida para observar o que terá mudado na língua no lapso de tempo que vai do início da década de 1970 até o início da década de 2010. Esse confronto parece apontar para um crescimento do uso da variante mais formal, os pronomes *wh*, cuja frequência geral passa de 35% na sincronia 1 (décadas de 1970-1980) para 56,5% na sincronia 2 (2005-2010), enquanto a frequência de uso do *that* cai de 44% para 35%, e o uso do relativizador nulo cai ainda mais, passando de 21% para 8,5%, como se pode ver na Tabela 7:

Tabela 7 – O uso dos relativizadores no inglês em duas sincronias (1970-1980 e 2005-2010)

Tipo de relativizador	Sincronia			
	1970-1980		2005-2010	
	N/T	Freq.	N/T	Freq.
Pronome <i>wh</i>	288/827	35%	1340/2372	56,5%
Relativizador neutro	362/827	44%	829/2372	35%
Relativizador nulo	177/827	21%	203/2372	8,5%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Todavia, esses resultados podem ser tributados não a um potencial processo de mudança, mas à diferença no grau de formalidade dos textos orais analisados nas duas sincronias: na primeira, são conversas informais; na segunda, palestras acadêmicas. Além disso, há também uma assimetria na proporção entre os dados de fala e escrita nas duas sincronias. Na amostra da sincronia de 1970-1980, os dados de fala correspondem a quase 3/4 do total de ocorrências (73,4%, 604 em 827), enquanto, na amostra de 2005 a 2010, os dados da fala correspondem a aproximadamente 2/3 do total de ocorrências (65,2%, 1.546 em 2.372). Portanto, a menor proporção de dados de fala, os quais são extraídos de situações formais de comunicação na segunda sincronia, vis-à-vis uma maior proporção de dados de fala extraídos de situações de comunicação informal na primeira sincronia, explicaria o grande incremento da variante padrão na amostra da sincronia de 2005 a 2010, pois o uso dos pronomes *wh* quase duplica nas palestras desse período em comparação com as conversas informais da década de 1970 (cf. Tabela 6): quase 49% nas primeiras contra 26% nas últimas. E, mais uma vez, o uso do relativizador nulo foi o que exibiu a maior queda, com sua frequência de uso nas palestras sendo menos da metade da observada nas conversas informais (11% versus 26%). A diminuição no uso do *that* não foi tão expressiva, caindo apenas de 47% para 40%, ou seja, uma diminuição de menos de 20% do total. Diante disso, a comparação dos resultados quantitativos das frequências de uso dos três tipos de relativizadores possibilita menos uma inferência sobre a implementação de um eventual processo de mudança do que uma inferência clara acerca da influência da padronização da língua nos registros mais formais de uso da língua, não apenas na escrita, mas também na fala, favorecendo a construção de ORs com pronomes *wh* e inibindo fortemente o emprego do relativizador nulo nas situações de comunicação formal.

A comparação no plano da escrita seria, em princípio, mais simétrica, por se tratar de artigos acadêmicos nas duas sincronias. Nesse plano, observou-se novamente um incremento dos pronomes *wh* em detrimento das variantes menos formais dos relativizadores neutro e nulo. A frequência de uso dos primeiros passou de 58% nas décadas de 1970-1980 para 71% no período de 2005-2010. Entre os últimos, mais uma vez a queda maior foi com o relativizador nulo, com sua frequência de uso caindo pela metade na segunda sincronia, passando de 08% para 04%, enquanto a queda na frequência de uso do *that* foi de pouco mais de 20%, passando de 34% para 25%. O problema já reportado aqui é que a análise da primeira sincronia tomou como amostra textos de sociolinguistas analisando a variação na língua. Em princípio, espera-se que os estudiosos da língua usem mais a norma padrão; porém, em se tratando de sociolinguistas, estes podem assumir uma postura mais crítica em relação à padronização da

língua, permitindo-se o uso de variantes mais típicas da linguagem informal. Independentemente disso, os resultados da análise de artigos acadêmicos contemporâneos reforçam também a inferência de que a prescrição de uso dos pronomes *wh* no uso formal da língua é muito presente, conquanto o emprego das variantes menos formais atinja ainda quase 30% do total de ocorrências. Essa penetração se deve sobretudo ao *that*, que introduz um quarto das ORs que se encontram atualmente em artigos acadêmicos, sendo as ORs sem relativizador nesses textos mais reduzida.

Se o cotejo dos resultados das frequências de uso apontou para uma forte influência da padronização linguística na comunicação formal (falada ou escrita), a análise da segunda sincronia revelou algumas novidades no uso dos relativizadores não padrão. A mais significativa foi a presença de orações apositivas introduzidas pelo *that*, o que não foi observado na primeira sincronia, mesmo em conversas informais. Contudo, a questão metodológica se coloca mais uma vez. A base de dados dos textos orais da presente análise é duas vezes e meia maior do que a utilizada por Guy e Bayley (1995): 1.546 versus 604. Então, fica a pergunta: trata-se de uma inovação da língua ou o fenômeno já existia e escapou à observação da primeira análise por uma limitação metodológica? Independentemente da resposta a essa pergunta, deve-se registrar que atualmente é possível construir ORs apositivas com o *that* mesmo em textos formais do meio acadêmico, o que tem implicações para o ensino.

Por fim, outra limitação metodológica que pode comprometer a comparação entre as duas análises e talvez as suas conclusões no geral, sobretudo no caso da análise de Guy e Bayley (1995), foi o fato de não terem sido excluídas, no cômputo geral das três variantes, as ocorrências de ORs de sujeito e de genitivo¹², já que nas ORs de SU o emprego do relativizador nulo seria, na melhor das hipóteses, muito marginal¹³, e nas ORs de GEN só seria licenciado o uso dos pronomes *wh*. Uma comparação mais fidedigna deveria excluir esses contextos de uso categórico¹⁴. Diante disso, foi elaborada a Tabela 8, que apresenta a frequência geral dos três tipos de relativizadores nas duas sincronias, excluindo as ocorrências de ORs de SU e GEN:

Tabela 8 – O uso dos relativizadores no inglês em duas sincronias (1970-1980 e 2005-2010) sem os contextos de uso categórico

Tipo de relativizador	Sincronia			
	1970-1980		2005-2010	
	N/T	Freq.	N/T	Freq.
Pronome <i>wh</i>	102/421	24,2%	460/946	48,6%
Relativizador neutro	159/421	37,8%	288/946	30,4%
Relativizador nulo	160/421	38%	198/946	20,9%

Fonte: Elaborado pelos autores.

¹² Ver nota 5.

¹³ O percentual de menos de 1% de ORs de SU encontrado nesta análise não alteraria o estatuto de regra categórica de interdição dessa construção na gramática da língua inglesa, de acordo com a taxonomia quantitativa proposta por Labov (2003).

¹⁴ Esta ponderação foi feita pelos revisores anônimos da revista, a quem agradecemos sua valiosa contribuição, conquanto tenhamos algumas objeções a essa opção metodológica, como argumentaremos na sequência do texto.

Com esses valores ajustados, o aumento na frequência de uso dos pronomes *wh* subiu mais de 100% (de 24,2% para 48,6%), enquanto, na Tabela 7, com todas as ocorrências, o aumento foi de 60% (de 35% para 56,5%). A queda no uso do *that* foi praticamente a mesma nos dois conjuntos de dados: em torno de 20% (de 44% para 35% na Tabela 7; de 37,8% para 30,4% na Tabela 8), enquanto a queda na frequência do relativizador nulo diminuiu, passando de 60% com todos os dados (de 21% para 8,5%) para 45% com os dados ajustados (de 38% para 20,9%). Apesar dessas diferenças, o quadro geral não se alterou, de modo que as conclusões baseadas no conjunto total de dados são igualmente válidas para o conjunto de dados ajustado, sem as ocorrências dos contextos categóricos das ORs de SU e GEN. Ou seja, o maior uso dos pronomes *wh* na sincronia 2005-2010 resulta da maior formalidade dos textos orais dessa amostra, bem como da maior proporção de dados extraídos de textos escritos. Por outro lado, se a inclusão ou exclusão das ocorrências de ORs de SU e GEN não alterou o quadro comparativo das duas sincronias, pode-se pôr em questão qual seria a melhor opção metodológica para descrever o quadro geral da variação no uso dos três tipos de relativizadores em inglês.

Embora a ortodoxia da análise variacionista indique a exclusão das ocorrências de contexto de uso categórico, levar esse princípio ao pé da letra pode resultar um quadro distorcido do real. Sem as ocorrências de ORs de SU e GEN, o resultado geral da análise de Guy e Bayley (1995) apresentaria o relativizador nulo como a opção mais frequente dos falantes do inglês para formar ORs, o que não nos parece uma representação adequada da realidade da língua. Como foi dito aqui no comentário da Tabela 1, que apresenta as frequências gerais de uso dos três tipos de relativizadores, o reduzido uso do relativizador nulo se deve certamente às severas restrições ou mesmo à interdição do emprego dessa estratégia nas ORs de SU, que predominam amplamente, não apenas no inglês, mas nas línguas humanas em geral (Keenan; Comrie, 1977)¹⁵. Portanto, retirar as ocorrências de OR de SU, amplamente majoritárias, acaba por oferecer um resultado distorcido do real, razão pela qual Guy e Bayley (1995) introduziram uma ocorrência “espúria” de OR de SU sem relativizador para manter na análise variacionista as ocorrências de OR extraídas dessa posição. Essa manutenção ainda é mais justificada nesta análise, em que a interpretação das ocorrências identificou quatro ocorrências de OR de SU sem relativizador, conquanto essa interpretação não seja pacífica, por se tratar de dados da fala. Ainda assim, ficaram aqui registradas as ocorrências para o debate, bem como a valiosa observação dos revisores, a qual possibilitou este construtivo debate que pontua para os leitores que nem sempre há uma única opção metodológica possível quando se trabalha fora de uma visão positivista de ciência.

Partindo agora para a testagem da *Hipótese da Proporção Constante* de Anthony Kroch (1989), deve-se registrar, em primeiro lugar, que a observação do efeito traço semântico [+/- humano] sobre o uso dos relativizadores no inglês revelou uma certa constância ao longo do lapso de tempo focalizado, com o traço [+humano] favorecendo fortemente o uso do pronome *wh*, no caso o *who/whom*, com P.R. .903 nesta análise e .80 na análise de Guy e Bayley (1995).

¹⁵ Na amostra analisada por Guy e Bayley (1995), as ocorrências de ORs de SU correspondem a 45% do total; na amostra aqui analisada, a 60% do total.

No entanto, houve uma certa discrepância no que concerne ao efeito desse traço semântico sobre o uso do relativizador nulo. Nesta análise, o traço [+humano] desfavorece muito as ORs sem relativizador, sendo que a frequência dessas construções nesse contexto corresponde a praticamente um quarto da frequência quando o antecedente não se refere a seres humanos (2,5% frente a 9,9%), o que se reflete no P.R. .221. Já em Guy e Bayley (1995), embora a frequência de uso do relativizador nulo com antecedente com o traço [+humano] também seja quase a metade da frequência com antecedentes com o traço [-humano] (13% frente a 23%), os P.R.s apontaram para um favorecimento com o traço [+humano] e um desfavorecimento com o traço [-humano]: .59 e .42, respectivamente. Guy e Bayley (1995) não explicam o porquê dessa inversão. Em vista disso, acreditamos que os resultados obtidos aqui sejam mais verossímeis. No geral, o encaixamento estrutural opõe os pronomes *wh* aos relativizadores neutro e nulo. Não há razão para ser diferente no caso da animacidade do antecedente. O alto rendimento funcional do pronome relativo *who* no inglês estaria na base dessa correlação, de modo que a generalização mais pertinente é a de que o traço [+humano] favorece fortemente o uso do pronome *wh*, e o traço [-humano], os relativizadores neutro e nulo.

Também se observou uma grande coincidência entre as duas análises no que concerne ao efeito da posição de relativização sobre o uso dos relativizadores, com apenas algumas diferenças laterais, que podem ser explicadas pela diferença nos universos de observação. A posição de sujeito favorece o relativizador *that* nas duas análises, ao passo que tem efeito neutro, nesta análise (P.R. .510), para o emprego do pronome *wh*, e desfavorece essa variante em Guy e Bayley (1995) (P.R. .33). Essa diferença pode ser atribuída à utilização de conversas informais na análise de Guy e Bayley (1995), um contexto que favorece o uso do *that* e desfavorece o uso dos pronomes *wh*, mais empregados na elocução formal das palestras observadas nesta análise. Outra diferença relevante foi a identificação nesta análise de ORs de SU sem relativizador. Como argumentado acima, assumimos aqui que certas configurações estruturais licenciariam ORs de SU sem relativizador, embora essas construções sejam muito raras na língua. Assim como defendido em relação às ORs apositivas introduzidas por *that*, a ausência de ORs de SU na análise de Guy e Bayley (1995) pode ser tributada à limitação em sua base de dados. Já o efeito das ORs de OD e de complementos preposicionados foi constante nas duas análises: desfavorecem os pronomes *wh* e favorecem os relativizadores neutro e nulo. O efeito das posições adverbiais também foi, no geral, constante, com pequenas diferenças. A posição de adjunto adverbial temporal favoreceu o uso do *when* e do relativizador nulo. Já a posição de adverbial locativo favorece, sobretudo, o emprego do *where*, em função do alto rendimento funcional dessa palavra gramatical nas línguas em geral. A posição de adjunto adverbial de modo favoreceu muito fortemente o relativizador nulo e desfavoreceu as *wh words* e o *that*. Esta análise observou que esse favorecimento, que também ocorre em outras posições adverbiais, se deve ao uso corrente de construções do tipo: “*the way ∅ something happens*” e “*the reason ∅ something happens*”.

No que diz respeito ao efeito da adjacência da OR ao núcleo nominal, vamos argumentar novamente que esta análise fornece uma representação mais consistente dos fatos, na qual a separação da OR do seu antecedente, seja por outra OR seja por outro

constituente qualquer, favorece o uso dos pronomes *wh* e desfavorece os relativizadores neutro e nulo, sobretudo este último. Os resultados quantitativos de Guy e Bayley (1995) são um pouco contraditórios. O uso dos pronomes *wh*, que é desfavorecido quando a OR está adjacente ao núcleo nominal (P.R. .42), é favorecido quando a OR está separada do antecedente por outra OR (P.R. .59), mas fica próximo à neutralidade quando a OR está separada por outro constituinte (.49). O *that*, que tem um P.R. (.48) próximo à neutralidade com as ORs adjacentes ao núcleo nominal, é desfavorecido quando a OR é separada do antecedente por outra OR (P.R. .44), mas é favorecido quando a OR é separada por outro constituinte (P.R. .58). E o relativizador nulo, que é muito favorecido quando a OR está adjacente ao núcleo nominal (P.R. .76) e muito desfavorecido quando a OR é separada do antecedente por outra OR (P.R. .16), é muito favorecido quando a OR é separada por outro constituinte (P.R. .62)! Esse último P.R. está em flagrante conflito com os percentuais, já que a frequência de ORs sem relativizador cai de 21% para apenas 2% quando a OR está separada do antecedente por um constituinte qualquer, frequência bem inferior à encontrada quando a OR está separada por outra OR (9%). Contudo, Guy e Bayley (1995) não explicam, novamente, o porquê dessas inversões. Diante disso, defendemos que o efeito constante da adjacência ou não da OR em relação ao núcleo nominal é o encontrado nesta análise: qualquer separação favorece o uso dos pronomes *wh*, e a adjacência favorece os relativizadores neutro e nulo, sobretudo este último.

Não obstante algumas diferenças observadas entre as duas análises aqui cotejadas (as quais podem ser atribuídas a problemas metodológicos), pode-se afirmar que os resultados quantitativos, no geral, ratificam a Hipótese da Proporção Constante de Kroch (1989), de modo que algumas generalizações são possíveis acerca de que efeitos estruturais atuam de forma constante no processo de mudança dos relativizadores na língua inglesa:

- (i) as ORs apositivas favorecem os pronomes *wh* e desfavorecem os relativizadores neutro e nulo, sobretudo o último;
- (ii) o traço semântico [+humano] favorece os pronomes *wh*, e o traço semântico [-humano] favorece os relativizadores neutro e nulo;
- (iii) a posição relativização de sujeito favorece o *that* e desfavorece severamente o relativizador nulo;
- (iv) as posições de complemento direto ou preposicionado desfavorecem os pronomes *wh* e favorecem os relativizadores neutro e nulo;
- (v) as posições adverbiais de lugar e tempo favorecem o emprego das *wh words where* e *when*, enquanto as adverbiais de modo e causa favorecem o relativizador nulo.

Portanto, esses condicionamentos estruturais seriam constantes ao longo dos potenciais processos de mudança que afetam o uso dos relativizadores em inglês, e o seu conhecimento pode contribuir para um ensino de língua inglesa que se ajuste a esses processos de variação e mudança sempre presentes no uso real da língua.

Aplicações ao ensino de inglês como língua adicional

Um dos principais objetivos práticos da análise sociolinguística é fornecer subsídios para um ensino mais condizente com a realidade da língua. Essa preocupação tem crescido nos últimos tempos em relação ao ensino do vernáculo no Brasil (e.g., Vieira, 2018). Por outro lado, ainda são escassas as aplicações de análises sociolinguísticas ao ensino de língua estrangeira. Em vista disso, buscaremos apresentar algumas contribuições que este estudo pode trazer às práticas pedagógicas que tomam o inglês como língua adicional.

As orações relativas já são um tópico que merece uma atenção especial no ensino do inglês para falantes nativos do português, por conta de algumas diferenças significativas na forma como se constroem as ORs nessas duas línguas.

Em inglês, é possível construir ORs sem relativizador e com *preposition stranding*, construções que são agramaticais em português, conforme exemplos (13) e (14), com a exceção muito restrita de possíveis construções com preposições lexicais que podem figurar *in situ*, conforme exemplo (15), mas muito raramente.

(13) The girl I met yesterday was very nice.

*A garota eu encontrei ontem era muito simpática.

(14) A guy I work with is Japanese.

*Um cara que eu trabalho com é japonês.

(15) A Assembleia conseguiu aprovar uma proposta **que** o partido da maioria era contra.

Outra diferença que deve ser trabalhada pelos professores de inglês é a possibilidade de ORs restritivas com pronomes relativos, conforme exemplo (16), enquanto em português essas construções só são possíveis com o relativizador neutro *que*, conforme exemplo (17).

(16) The guy **who** delivered the pizza has already left.

*O rapaz **quem** entregou a pizza já foi embora.

(17) O rapaz **que** entregou a pizza já foi embora.

O ensino de línguas adicionais, bem como o ensino das línguas vernáculas, não deve se pautar pela reprodução de regras gramaticais fora dos contextos concretos de uso da língua. As práticas pedagógicas inclusivas e cidadãs devem se pautar por situações reais de interação linguística, atentando para os diferentes gêneros textuais e suas especificidades, bem como para as variações no emprego das regras gramaticais determinadas pelas diferentes situações em que o falante se encontra, pelos diferentes destinatários a quem se dirige e pelas diversas intenções comunicativas em que se encontra, entre outros fatores.

Dentro dessa perspectiva, alguns achados deste estudo podem ser muito úteis. É importante informar aos alunos que a prescrição gramatical de uso dos pronomes *wh* em situações formais de comunicação ainda tem forte influência, sobretudo na escrita acadêmica, dando especial atenção aos contextos em que essa variante é mais prevalente. Contudo, deve-

se trabalhar também a variação que existe mesmo nos textos mais formais, observando os contextos em que o emprego dos relativizadores neutro e nulo são mais aceitos, evitando assim a continuidade da concepção de erro na língua. Em um nível mais avançado de estudo do inglês, deve-se dar consciência aos aprendizes de construções marginais, mas que existem na língua, não obstante a crença generalizada de que são agramaticais – tal é o caso das ORs de SU sem relativizador, que podem acontecer até na fala formal, como foi demonstrado aqui –, identificando-se as configurações estruturais em que essa construção é possível. Essas são apenas algumas das aplicações dos resultados aqui apresentados. Certamente, os professores de inglês, com sua expertise e práxis, terão muito mais capacidade de aproveitar os fatos que este estudo revela, o que constitui um dos efeitos que os autores deste artigo almejam com a sua publicação.

Conclusão

Os resultados empíricos da análise variacionista do emprego de relativizadores no inglês acadêmico revelaram que a prescrição gramatical que recomenda o emprego dos pronomes *wh* em situações formais de comunicação se mantém forte, não havendo indícios claros de que o uso das construções mais correntes na linguagem cotidiana, as orações relativas sem relativizador ou introduzidas pelo relativizador *that*, esteja avançando nos registros mais formais da língua, especialmente na modalidade escrita. Nesse plano, o emprego dos relativizadores neutro e nulo é ainda restrito, especialmente o deste último, pois praticamente não há ORs sem relativizador quando o antecedente se liga à posição de sujeito na OR, nas ORs apositivas e quando a OR não está adjacente ao antecedente. Portanto, a análise de um potencial processo de mudança de incremento do uso dos relativizadores neutro e nulo no inglês mais formal, baseada no confronto dos resultados deste estudo com o de Guy e Bayley (1995), não identificou um aumento na frequência de uso dessas variantes mais correntes na língua espontânea no plano mais formal de interação linguística.

Por outro lado, este artigo buscou também trazer subsídios para um ensino de inglês como língua adicional mais adequado à realidade de uso da língua, considerando as diferentes situações de interação linguística e as especificidades dos diversos gêneros textuais, revelando inclusive a existência de construções que geralmente são consideradas inexistentes na língua, como as ORs apositivas introduzidas pelo relativizador *that* e as ORs de SU sem relativizador, conquanto estas últimas sejam muito raras e marginais. E é nessa aplicação prática que este artigo alcança um dos seus principais objetivos.

Referências

BIEBER, D.; CONRAD, S.; LEECH, G. *Longman Student Grammar of spoken and written English*. Essex: Pearson Education, 2002 [1999].

CARTER, R.; McCARTHY, M. *Cambridge Grammar of English: a comprehensive guide – spoken and written English grammar and usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- COMRIE, B.; KUTEVA T. Relativization Strategies. In: HASPELMATH, M.; DRYER, M.; GIL, D.; COMRIE, B. (Eds.). *The World Atlas of Languages Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 494-501.
- EASTWOOD, J. *Oxford Guide to English Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2002 [1994].
- GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. *A Grammar of contemporary English*. Essex: Longman Publishers, 1992 [1972].
- GUY, G. *MacVarb: Variable Rule Analysis on the Macintosh*. Software and documentation. Stanford: Stanford University, 1989.
- GUY, G.; BAYLEY, R. On the Choice of Relative Pronouns in English. *American Speech*, v. 70, n. 2, p. 148-162, 1995.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.
- KEENAN, E. L.; COMRIE, B. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry*, n. 8, p. 63-99, 1977.
- KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, v. 1, n. 3, p. 199-244, 1989.
- KROCH, A.; SMALL, C. Grammatical Ideology and Its Effect on Speech. In: SANKOFF, D. (Ed.). *Linguistic Variation: Models and Methods*. New York: Academic, 1978. p. 45-55.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- OLSON, D. R. From Utterance to Text: The Bias of Language in Speech and Writing. *Harvard Educational Review*, v. 47, p. 257-281, 1977.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- VIEIRA, S. R. (Org.). *Gramática, variação e ensino: diagnose & propostas pedagógicas*. São Paulo: Blucher, 2018.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Recebido em: 31/03/2024.

Aceito em: 30/07/2024.